UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ADISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO LATO-SENSU EM GESTÃO EDUCACIONAL

A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO ESCOLAR NA RELAÇÃO DA CRIANÇA COM A TV

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Eva Maria Camargo da Silva

Tio Hugo, RS, Brasil
2009

A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO ESCOLAR NA RELAÇÃO DA CRIANÇA COM A TV

por

Eva Maria Camargo da Silva

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientador: Prof. Adalberto Dutra Rossato

Cidade do Pólo, RS, Brasil

2009

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia

A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO ESCOLAR NA RELAÇÃO DA CRIANÇA COM A TV

elaborada por
Eva Maria Camargo da Silva

Como requisito final para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Adalberto Dutra Rossatto, Ms (FAPAS)
(Presidente/Orientador)

Ana Paula da Rosa Cristino, Ms. (UFSM)

José Luiz Padilha Damilano, Esp. (UFSM)

Santa Maria, 07 de agosto de 2009.

A Deus e a Nossa Senhora das Graças, que me protegem e dão força,a minha família pela ajuda e compreensão.

Agradeço!

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO ESCOLAR NA RELAÇÃO DA CRIANÇA COM A TV

AUTORA: EVA MARIA CAMARGO DA SILVA
ORIENTADOR: ADALBERTO DUTRA ROSSATO
Data e Local da Defesa: Tio Hugo/RS, 07 de agosto de 2009.

A pesquisa que se segue: "A televisão possibilitando novos olhares no saber – fazer pedagógico" investiga formas de apropriação da televisão como ferramenta pedagógica nas instituições de ensino. O hábito de ver televisão faz parte da cultura atual. Na maioria dos lares brasileiros, estejam eles no ponto mais distante do mapa, a TV está presente entretendo e distraindo as pessoas, e por ser um meio de comunicação tão atraente e popular acaba por interferir no modo de pensar, agir e se relacionar com o mundo. Nesse sentido, este trabalho procura mostrar de uma forma atraente, o uso desta tecnologia para promover a aprendizagem de forma crítica e atualizada, já que a grade de programação de toda a emissora busca tratar de assuntos atuais em seus programas sejam eles informativos ou de entretenimento. Sendo assim, os meios tecnológicos de comunicação, em especial a televisão, podem ser usados como recurso para educar o olhar, motivar os alunos e transformar as aulas em laboratórios do conhecimento humano e assim contribuir para a formação de cidadãos que conseguem ver além das imagens e participar democraticamente dos processos políticos e sociais do contexto em que está inserido.

Palavras Chave: Televisão, crianças, reflexão.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO ESCOLAR NA RELAÇÃO DA CRIANÇA COM A TV

THE IMPORTANCE OF MEDIATION IN SCHOOL CHILDREN'S RELATIONSHIP WITH TV

AUTHOR: EVA MARIA CAMARGO DA SILVA
ADVISER: ADALBERTO DUTRA ROSSATO

The research that if follows: “The television making possible new looks in knowing - to make pedagogical” investigates forms of appropriation of the television as pedagogical tool in the education institutions. The habit to see television is part of the current culture. In the majority of the Brazilian homes, they are they in the point most distant of the map, the TV is present entertaining and distracting the people, and for being a so attractive and popular media it finishes for intervening with the way to think, to act and if to relate with the world. In this direction, the project looks for to show of an attractive form, the use of this technology to promote the learning of critical form and brought up to date, since the grating of programming of all the emitting ones searchs to deal with current subjects in its programs, they are informative they or of entertainment. Being thus, the technological ways of communication, in special the television, can be used as resource to educate the look, to motivate the pupils and to transform the lessons into laboratories of the human knowledge and thus to contribute for the formation of citizens who obtain to see beyond the images and democratically to participate of the processes social politicians and of the context where he is inserted.

Keyword: television, children, reflect

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....7
1. TELEVISÃO TEM HISTÓRIA NO BRASIL 9
2. A INFÂNCIA HOJE E À SEDUÇÃO DA TV 122
3. A PODEROSA INFLUÊNCIA DOS MCS, ATUALMENTE, NA VIDA HUMANA.....177
4. O CUIDADO MATERNO E A TELEVISÃO 199
5. TELEVISÃO PREJUDICA? QUEM?.....211
6. A TELEVISÃO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇA? 244
7. O USO DA TECNOLOGIA DENTRO DA SALA DE AULA 26
8. A TELEVISÃO E A LEITURA BUSCANDO UMA FORMA DE EXPRESSÃO 28
9. INOVAÇÃO TECNOLÓGICA.....30
10. POR UMA PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO 32
11. TV E ESCOLA: A CONCORRÊNCIA E O DESAFIO 34
12. A ABSORÇÃO DO DESAFIO 37
CONSIDERAÇÕES FINAIS 40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....42

INTRODUÇÃO

A idéia de realizar este Trabalho Monográfico de Especialização em Gestão Educacional- EAD tem como idéia principal abordar questões relativas À Influência da televisão na educação de crianças de Anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa surgiu como uma necessidade de indagação pessoal, depois de ter efetivado algumas observações em sala de aula, relacionadas às crianças, aos jovens e aos adultos e o porquê de estarem tão ligadas e influenciadas pelos processos de comunicações midiáticos.

Mesmo que o professores, em aula, passem conteúdos e informações aos seus alunos, estes recebem dados também de outras fontes como a família e as interações sociais, mas principalmente dos Meios de Comunicação de Massa como a televisão. Esta pode informar e formar cidadãos críticos ou acríticos, dependendo da leitura que a criança consegue realizar daquilo que ela vê e ouve todos os dias nos programas das emissoras televisivas.

A cada dia que passa crianças e adultos vêm tendo as mais variadas e complexas experiências neste mundo saturado de imagens que se substituem e se reproduzem com uma velocidade espantosa. Por isso há autores que dizem que não há mais como alfabetizar só para a palavra porque o cotidiano das crianças está completamente permeado de imagens e não alfabetizar para ler as imagens é o mesmo que formar analfabetos, pois as palavras dizem cada vez menos e as imagens cada dia possuem mais textos tantos explícitos quanto implícitos.

Com o presente trabalho procurei fazer uma análise e também uma reflexão sobre as os problemas e as contribuições que a televisão apresenta atualmente no contexto de crianças de Anos Iniciais do Ensino Fundamental, por isso comecei relatando com a história da televisão no mundo e no Brasil. Em seguida abordei a questão da infância, ou seja, quem é a criança deste novo milênio? Como está conseguindo conviver com este excesso de informações? Na seqüência fiz referências à delicada relação entre educação e os Meios de Comunicação Social de massa e sua contribuição (ou não) educativa na Escola. Também acredito ser importante registrar o lugar de destaque que a TV exerce dentro de muitos dos lares brasileiros. Além de alertar sobre o que a televisão pode prejudicar, procurei também pesquisar sobre o que a TV tem para contribuir: aprofundar conhecimentos com questão que envolve a criança diante da programação nada adequada; compreender porque a TV e seus

programas são sedutores para a criança; apontar atividades alternativas que os pais e professores podem fazer para diminuir o interesse pelos programas de TV. Visto que está presente em grande parte dos lares brasileiros, como algumas pesquisas na área da comunicação têm mostrado: há mais televisores do que geladeiras nas casas dos cidadãos brasileiros.

1. TELEVISÃO TEM HISTÓRIA NO BRASIL

As transmissões por ondas eletromagnéticas, ou seja, ondas de rádio, as quais são chamadas de rádiotransmissões, possibilitou primeiramente, as transmissões de voz, posteriormente de imagens e nos dias atuais, também a transmissão de dados.

Em 1893, no Brasil ocorreu à primeira radiotransmissão da qual se tem notícia. O padre gaúcho Roberto Landell de Moura realizou, na cidade de São Paulo, do alto da Avenida Paulista para o Alto do Bairro de Santana, as primeiras transmissões sem fio, com aparelhos de sua invenção, numa distancia aproximada de oito quilômetros, em linha reta entre o aparelho transmissor e o receptor. Somente um ano depois, é que Marconi iniciou então, as suas experiências de radiotransmissão.

Como padre, Landell encontrou sérias dificuldades perante a igreja, que não via com bons olhos seus inventos e infelizmente, foi considerado louco por suas idéias, inclusive, por pessoas ligadas ao governo. Mesmo diante de tantas dificuldades e empecilhos, em 1904, o padre Landell começa a criar o projeto de transmissão de imagens à distância, ou seja, a televisão.

Talvez tenha sido esse o marco definitivo, juntamente com seu discurso, de que seus inventos poderiam transmitir seus sinais, para que as gerações posteriores tivessem conhecimento de sua existência. Sinais, não só entre distâncias numa mesma cidade, ou país, mas também na busca de ultrapassar oceanos e até mesmo possibilitar a comunicação entre planetas. Este episódio pode ser observado também a partir das primeiras imagens que foram utilizadas pelos nossos ancestrais, como forma comunicativa.

As imagens sempre estiveram presentes e são inerentes à história das civilizações. Já das diferentes técnicas de representação como a pintura é que foi possível a reprodução quase fiel das imagens dos mais variados acontecimentos e épocas diferentes. Com a chegada da nos tempos primitivos, o homem deixava suas impressões em forma de desenhos nas pedras, rochas e cavernas, para que gerações posteriores pudessem aprender ou os reverenciar. Ainda hoje

através desses desenhos é que se consegue criar teorias sobre o como era a vida naquela época. Claro que as civilizações primitivas representavam em seus desenhos uma realidade que incluía muita emoção, como por exemplo, o desenho de imensos animais como uma forma de representar a bravura do próprio bicho e a força necessária para a sua caça. Com o desenvolvimento de diferentes técnicas de representações pictóricas foi se tornando possível a reprodução quase fiel das imagens dos mais variados acontecimentos em épocas distintas. Com a chegada da fotografia, a realidade passou a ser impressa com um tom maior de fidelidade. Os retoques, os ângulos e a luz, influenciavam e ainda influenciam no resultado final. Todavia, atualmente já não é mais possível dizer que uma fotografia seja uma cópia incontestável de que o fato fotografado é a realidade imagética, pois o sistema digital permite que qualquer pessoa, que conheça os procedimentos, possa por meio de programas de computador, sugerir, modificar e intervir numa imagem fotográfica ou em movimento.

Em março de 1935, foi criada oficialmente a televisão na Alemanha e em novembro do mesmo ano, na França sendo a Torre Eiffel o primeiro posto emissor, nesse país. Em 1936 em Londres e em 1939 nos Estados Unidos. Só em setembro de 1950 é que a televisão chagou ao Brasil, quando foi ao ar a primeira transmissão ao vivo da TV Tupi, de São Paulo. Nas palavras de Eugênio Bucci (1997, p. 89) temos que:

> [...] a televisão brasileira só assumiu sua "missão" de integrar a nacionalidade a partir dos primeiros anos da década de 70 em decorrência do projeto desenhado para o país pelos militares, que usurparam o poder político entre 1964 e 1985. Assim, o período pode ser tratado como uma pré-história da televisão brasileira (p. 89).

A primeira prova da vocação da TV brasileira veio com a Copa do Mundo conquistada pela seleção brasileira em 1970. O Brasil se uniu diante dos monitores vibrando de patriotismo. Junto vieram também as novelas, capazes de prender mais de 70% dos telespectadores com seu linguajar "acariocado" que foi se tornando o português oficial do Brasil. Pelas novelas, a televisão, além de delimitar o espaço público, começou a alimentar o repertório do espaço privado: Olhando para tela, as mulheres aprenderam a vestir-se e os adolescentes aprenderam a namorar. Diante da televisão os brasileiros começaram a sonhar "sonhos modernos".

Por volta de 1967, surgiram os programas infantis educativos, com a finalidade de educar: adolescentes e adultos que tivessem parado de estudar. Os programas eram monótonos muito semelhantes aos didatismos do professor em sala de aula. O pioneiro foi "Vila Sésamo" ou *Sésame Street* que chegou ao Brasil em 1972. Ensinando noções básicas de

higiene e meio ambiente às crianças, seu formato era inspirado em técnicas publicitárias. A crítica feita a esse programa era o fato de o entretenimento ser vazio de emoções por ser muito didático, desconsiderando o lado objetivo e lúdico necessários para se estabelecer uma comunicação objetiva com as crianças (CAPPARELLI apud ZILBERMAN, 1996).

Em 1976 estreou na Rede Globo, o "Sítio do Pica-Pau Amarelo", permanecendo no ar por dez anos. Este programa se caracterizava, essencialmente, pela teledramaturgia enfatizando as narrativas de Monteiro Lobato, que traziam no seu bojo questões sociais e culturais para o mundo das crianças de forma poética, inteligente e criativa.

Além desse programa educativo infantil, também surgiram outros como: O excelente programa "Castelo-Rá Timbum" da TV Cultura e o não tão educativo TV Xuxa na rede Globo. Outros programas entraram no ar e copiando essa fórmula mágica de programas de auditório para crianças e adolescentes, estrearam na TV também Jaqueline, Mariana e Eliana. Segundo Carmona (1998, p. 104), Diretora da TV Cultura de São Paulo,

> A teledramaturgia para crianças em programas infantis, como Sítio do Pica-Pau Amarelo e Castelo-Rá-Tim-Bum teve grande aceitação do público infantil, porém, para que esta forma de programação continue é necessário que se resgate a teledramaturgia na produção dos próximos programas já que a narrativa sempre chamou a atenção das crianças (p. 104).

Os programas infantis, em sua maioria, ainda seguem os mesmos padrões. Os palcos estão repletos de palhaços, anões, malabaristas, truques de dançarinos, jardins de plástico e naves espaciais totalmente descontextualizados e sem sentido. O humor é escachado, impondo às crianças um riso forçado. Além disso, muitos deles prestam um dês-serviço para a educação, pois incentivam a competição entre meninos e meninas e criam desejos de consumo que para muitas crianças jamais poderão ser realizados. Sabe-se que esse aparato ideológico acarreta de alguma forma em frustrações diante da falta de condições materiais das pessoas mais pauperizadas em nosso país. O não poder material gera pessoas altamente violentas nosso meio sócio-histórico cultural.

2. A INFÂNCIA HOJE E À SEDUÇÃO DA TV

Seguindo as palavras de Ana Lúcia Villela em seu livro "*Televisão e Criança"*, ser criança hoje significa ser testemunho da eternidade, da certeza da renovação da vida e a portadora de um mistério. A criança é sempre um recomeço da humanidade é um ser humano, fisicamente frágil, delicado, mas com o privilégio de ser o começo da vida, mesmo que incapaz de se auto-proteger. A criança é dependente dos adultos para revelar suas potencialidades, e por isso merecedora do maior respeito.

Toda criança nasce com o direito de ser. É uma agressão à humanidade tratar qualquer criança como um ser inferior, como um erro da natureza ou o produto de uma falha humana, como coisa indesejável e incômoda não merecedora de respeito.

A criança é um ser racional, dotado de inteligência podendo desenvolver extraordinariamente essa faculdade desde que lhe seja assegurado o direito de pensar com a própria cabeça. Nasce sem hábitos, sem informações, sem preconceitos e sem compromissos com o passado. Talvez, se muitos adultos, pais e professores, tivessem consciência disso teriam mais cuidado com o encaminhamento que estão dando às crianças e a sua socialização e, além disso, não atribuiria tanta responsabilidade e tanta culpa por coisas que as crianças fazem. Talvez não tenham tido a oportunidade de fazerem coisas diferentes.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos da Criança, princípio 2° o livro *A Criança e a Televisão Amigos ou Inimigos*? Luiz Monteiro Teixeira (1995) declara que:

> A criança gozará proteção especial e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. Na instituição de leis, visando este objetivo, levar-se-ão em conta sobre tudo, os melhores interesses da criança. (p. 15).

Diferentes estudiosos contam que, no início do século XX, a autoridade dos pais e dos mais velhos era indiscutível, eles impunham respeito às crianças. Enquanto os adultos conversavam, às crianças não podiam falar ou retrucar. As famílias eram grandes, com muitos

filhos. A taxa de mortalidade infantil, também, era alta, Em geral, os casamentos ocorriam por volta dos 15 anos e logo vinham os filhos. Eram filhos de pais jovens, enérgicos e repressores. A educação era repressora e pouco se conhecia sobre o desenvolvimento das crianças, seja cognitivo, afetivo ou motor. As crianças eram consideradas adultas em miniatura e o modo de vesti-las, bem como o tipo de corte de cabelo, eram os mesmos dos adultos. Ao nascer, era comum a criança ser enfaixada de modo a ficar ereta, a que impedia os seus movimentos. As crianças brincavam com os irmãos, primos, vizinhos, na rua, no quintal, nas praças, nos jardins, no campo, e assumiam tarefas dos adultos. As que moravam no campo, cedo iam ajudar na lavoura ou no trato com os animais.

Atualmente, a democratização nas famílias e os vínculos com as escolas vêm permitindo uma expressão mais livre desse ser infantil. Entre os adultos já se tornou trivial, as crianças dominam as conversas. Isto significa que elas já estão ocupando um espaço mais livre na sociedade. Essa visão leva grande parte dessas crianças discordarem dos pais, terem opiniões diferentes, questionarem o que eles dizem. As famílias, principalmente nas classes média e alta, são constituídas, em geral, por dois filhos, sendo bem significativa a parcela de casais com apenas um filho. A taxa de mortalidade infantil, nas classes média e alta, é muito baixa. Os avanços científicos, os cuidados médicos e a higienização fizeram com que as taxas de mortalidade, mesmo nas classes menos favorecidas, fossem extremamente reduzidas. Existe um elevado o número de casais constituídos após os 30 anos, ou que casaram cedo, mas esperam para ter filhos mais tarde. São filhos de pais mais velhos, com maior disponibilidade e mais complacentes. São pais que explicam, conversam, contam até dez, evitando baterem nas crianças, pois estudos de psicologia e de psicanálise são bem difundidos, principalmente nas classes média e alta. Mesmo que tenha acontecido um avanço significativo nesses últimos anos, em relação aos anos anteriores, o Brasil democrático ainda precisa dar saltos qualitativos para superar essa forma de comunicação e educação televisiva.

Transcrevendo algumas idéias de Analice Dutra Pilar (p. 20, 2001), em seu livro "*Televisão e Criança"* afirma que: "há toda uma indústria de moda infantil definindo o modo de vestir as crianças, com roupas mais apropriadas, desde o nascimento. A mídia eletrônica encarrega-se, principalmente, de difundir essa moda. A Xuxa, a Angélica, as novelas laçam a moda". (p. 20)

Nas classes médias e altas, as crianças vão para creches ou escolas de educação infantil, e, às vezes, os pais as colocam em aulas de língua estrangeira, informática, expressão- artística e esporte. Porém, nas classes populares, as crianças cedo são levadas ao trabalho de modo a ajudar nas despesas da casa.

O conceito de criança universal, o qual sustenta que a criança é a mesma em qualquer época e lugar, que fala da natureza da criança, deixa de levar em conta o caráter contextual e histórico da constituição do sujeito, pensando numa criança como uma categoria desvinculada da cultura, fora das relações de classes. Ou ainda, toma-se como universal o conceito de criança de classe alta, branca, limpa, feliz, educada, bonita.

Piaget (2001) ao abordar sobre a temática infantil considera que a criança, só vai se constituir como sujeito e construir conhecimento a partir de sua interação com o mundo físico e social, em que está inserida.

O ser criança está profundamente enraizado em um tempo e um espaço, influenciado e sendo influenciado pelo meio sociocultural. A criança, como sujeito, vai se constituir na interação com o meio; ao mesmo tempo em que se constrói, reconstrói o mundo para se apropriar dele. Deste modo, quando falamos de criança, pensamos num sujeito marcado pelos atravessamentos culturais, políticos e ideológicos de uma determinada classe social, numa determinada sociedade, numa certa época. Ser criança no oriente, ser criança na África é muito diferente de ser criança no Brasil. E mesmo no Brasil, ser criança de classe alta é diferente de ser criança de classe popular. Tomando a criança como um ser imperfeito e incompleto, que necessita da moralização e da educação feitas pelos adultos Kramer (1982) conclui que:

> A idéia de infância não existiu sempre e da mesma maneira. Ao contrário, ela parece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto "de adulto" assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa, ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinada historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade. (p.18).

Segundo Pillar, (2001) os estudos de gênero mostram o quanto à sociedade modela o ser menino e ser menina dentro de padrões culturais bem estabelecidos e apontam diferenças marcantes na educação de meninos e meninas, na constituição desses gêneros. Assim a passividade feminina, a delicadeza, o jeito para fazer determinadas tarefas não é algo herdado geneticamente, mas apreendido social e culturalmente.

Em pesquisa realizada em 1997 pelo "Canal Futura", é mostrado num levantamento estatístico que, dos 14 milhões de crianças brasileiras entre 2 a 6 anos, 10 milhões, cerca de 70%, não freqüentam creches ou escolas de educação infantil. O que esses 10 milhões de crianças de 2 a 6 anos fazem diariamente? Brincam? Assistem à TV? Trabalham?

Para Kramer (1992, p. 8):

> A concepção oficial de educação infantil não supõe uma criança que trabalha, pois seu modelo remete aos filhos da classe média e da burguesia. Isto mascara o fato de que muitas crianças de 2 a 6 anos já trabalham (seja no meio rural, seja no mercado informal, vendendo chicletes, doces, cigarro, seja nas tarefas domésticas, lavando roupa, cuidando dos irmãos, cozinhando ou costurando, seja pedindo esmola). (p. 8)

Contudo, não existe uma população infantil homogênea, mas diferentes populações infantis com processos desiguais de socialização. As crianças de classe alta e as das classes populares têm diferentes papéis e desempenhos em casa, na família, no meio social.

A criança brasileira de classe alta dos anos 90 nasce em meio a todo um aparato tecnológico que a faz ver o mundo de forma particular. A velocidade com que aprende a mexer na televisão, no celular, no computador, no DVD, no videogame, é espantosa. Mesmo a criança das classes mais populares tem acesso a alguns desses aparelhos, mas em especial, à televisão.

Hoje, praticamente, as crianças assistem à televisão desde que nascem: seja por estarem na sala onde se encontra o aparelho e pelas imagens ou pelo som lhes chamarem a atenção; seja por prestarem atenção às imagens que se movem e que parecem reais.

Na perspectiva Pillar (2001): quando a criança está diante do aparelho de televisão tem a tentação de levantar de onde está e "pegar" algumas imagens que aparecem, como se fossem reais em sua compreensão. Outras imagens causam a criança um verdadeiro pânico e a criança dispara como se esse monstro estivesse lhe perseguindo. "Os adultos transferem" em grande parte, para os programas televisivos "os cuidados" que deveriam ter "com crianças, fazendo" a televisão funcionar como se fosse "uma babá eletrônica".

Em síntese é importante destacar o que Jeanne Marie Gagnebin (1997: 96-97) diz sobre a infância:

> (...) numa época de desencantamento como a nossa que nada é novidade, numa época que não consegue mais crer nem na vida depois da morte nem no progresso histórico, nem na emancipação da sociedade, esforçamo-nos para, pelo menos, acreditar ainda na possibilidade da felicidade individual. E nisso a construção de uma infância idealizada nos ajuda (...) como, se, de repente, no reino encantado da infância e da filiação pudesse nos livrar das mágoas e das insuficiências que carregamos na existência resistente.

Assim, é difícil compreender o que é ser criança hoje, a partir de nossas experiências de adulto, de uma infância que aconteceu em outra época. Difícil, também, é pensar como

seria nossa compreensão, nossa percepção do mundo, nossa subjetividade sem o poderoso meio de comunicação que é a televisão.

3. A PODEROSA INFLUÊNCIA DOS MCS, ATUALMENTE, NA VIDA HUMANA

Os Meios de Comunicação Social de massa estão cada vez mais integrados à sociedade. Também estão, muitas vezes, nas salas de aula, pois há uma quantidade de novas tecnologias que estão sendo incorporadas pelas crianças e pelos adultos que podem muitas vezes auxiliar na aquisição de informações que as beneficiam, ou não.

Das primeiras tentativas de comunicação entre os seres humanos até os nossos dias, o progresso entre as civilizações trouxe a busca de aperfeiçoamentos constantes, exigindo o aprimoramento dos veículos comunicativos. Isto propiciou mudanças radicais que foram acontecendo no ato de transmitir as mensagens desejadas entre as diferentes interfaces do conhecimento.

Os MCS passaram a ser utilizados como meios de instrução, informação, formas de passar conteúdos e saberes, principalmente através do vídeo, o DVD, estes com programas educativos, tornando-se útil para o professor, facilitando seu trabalho, proporcionando novos métodos na sua prática educacional.

A escrita foi sem dúvida uma das tecnologias mais importante para o processo educativo da humanidade, pois jornais e revistas são utilizados diariamente tanto para o professor como para o aluno. O rádio e a televisão também contribuem muito nesse processo educativo, pois leva dissemina na casa de muitas pessoas uma nova forma de transmitir informações. Além de proporcionar também informações oriundas de várias partes do mundo.

O desafio moderno é enfrentar a chamada era da telemática, na qual se unem as telecomunicações e a informática, pois esse saber é necessário como recurso instrumental no uso do computador, do televisor, do telefone celular, do rádio, como suporte técnico, podendo ser um instrumento viável ao ensino e a aprendizagem do educando e o educador.

As escolas deveriam proporcionar essas novas tecnologias no contexto do dia a dia da sala de aula, para que os alunos possam vir a ter chances de participar da concorrência e do

mercado de trabalho com oportunidades igualitárias, tornando-se uma pessoa e um profissional mais participante da sociedade em que está inserido. As argumentações de Ferrés (1996, p.104) afirmam que:

> Não basta que a criança não fique fisicamente sozinha diante da televisão. É necessário que ela não se sinta só como expectador, que compartilhe a experiência que possa dialogar comparar. A televisão que por si só é um meio unidirecional, torna-se nociva do ponto de vista educacional quando é contemplada dentro de um meio comunicativo no qual inexiste reciprocidade. O importante, então, não é tanto o fato de que a criança não permaneça sozinha diante da TV, mas o fato de que os acompanhantes adultos saibam manter com ela um diálogo frutífero durante a programação (p. 104).

Vivemos hoje, ironicamente, uma sociedade democrática, onde todos deveriam ter os mesmos direitos e as mesmas oportunidades, porém, essa não é a realidade. Poucas ainda são as famílias que podem proporcionar aos filhos um computador para que realizem seus trabalhos escolares e menos ainda são as famílias e escolas que tem a possibilidade de acesso à Internet.

Os padrões econômicos, culturais e sociais que predominam hoje são muito diferentes dos padrões que regeram a vida de vossos pais e avós. Sem julgamento de ser melhor ou pior, mas na consideração de ser um tempo diferente, na época em que eles fora crianças adolescentes, jovens e adultos, a indústria, a produção de bens, era o mais importante e, por isso, a matéria prima e os processos fabris eram os principais recursos da economia.

Atualmente a produção de informação é o mais importante, e os Meios de Comunicação de Massa se tornaram recursos fundamentais nos processos produtivos e estão presentes na vida de muitos cidadãos. Por isso caberia à escola esta responsabilidade, junto com a família, de oferecer aos estudantes, meios telemáticos de aprendizagem, mas principalmente a formação do senso crítico para que os mesmos façam uma leitura adequada destas informações e também para que eles não percam o interesse por estudar ou mesmo deixem de freqüentar a escola, como ocorre muitas vezes.

4. O CUIDADO MATERNO E A TELEVISÃO

De alguma forma a televisão substitui a função materna, diz o pesquisador espanhol Joan Ferrés (1996) que a TV ocupa um lugar de destaque dentro do lar, que muitas vezes é ponto de referência obrigatória na organização da vida familiar e ainda que esteja sempre à disposição, oferecendo a sua companhia a qualquer hora do dia ou da noite às pessoas, sejam elas adultas ou crianças. Além disso, alimenta o imaginário infantil com todo tipo de fantasias e contos e principalmente, como uma mãe branda, nunca exige nada em troca.

Ainda na concepção de Ferrés, a televisão representa para os cidadãos das sociedades modernas, aquilo que o Totem representava para as tribos primitivas, ou seja, objeto de veneração e reverência, símbolo de identificação individual e coletiva. Como totem, a televisão concentra as expectativas e temores das tribos modernas e a ela sacrificam seu tempo. Assim, na perspectiva de Ferrés, (1996):

> Como o totem, a televisão é vestígio do que é sagrado, de quem as tribos modernas esperam todo tipo de benefícios, gerando uma série de exigências e proibições. Em muitas famílias condiciona tanto a organização do tempo como a do espaço. Depende da televisão a hora de deitar, de ir ao banheiro, de quando serão feitas as refeições, de que forma será organizado o fim de semana, o que consomem. Como símbolo de identidade e como gerador de exigências, como meio bem feitor e como gerador de dependência, a televisão como totem provoca uma ambivalência afetiva. Ela é amada e odiada, desejada e desprezada. (p. 38).

A televisão ainda pode ser conhecida como a escola paralela, a sala de aula sem paredes, a aula eletrônica, a caixa sábia, a caixa tola, a caixa mágica, a babá eletrônica. Nos países industrializados o fato de assistir à televisão ocupa o terceiro lugar na escala de atividades à qual os cidadãos adultos dedicam mais tempo, depois do trabalho e do sono, e o segundo lugar no tempo dedicado pelos estudantes. Levando em consideração os fins de semana e as férias os estudantes passam maior número de horas assistindo à televisão do que em sala de aula. Há países que as crianças da pré-escola dedicam um terço do tempo em frente da televisão.

Hoje a televisão tornou-se um instrumento privilegiado de penetração cultural, de socialização, de formação de consciências, de transmissão de ideologias e valores. Por isso, aponta Ferrés (1996):

> É surpreendente que a instituição escolar não tenha somente deixado que essa hegemonia na educação lhe fosse usurpada, mas que ainda assista impassível, ao processo de penetração da cultura audiovisual, sem oferecer se quer modelos de interpretação e análise crítica para as novas gerações. (p. 74).

Pode parecer que a televisão seja ótima, mas às vezes, é extremamente comercial, desrespeitosa em relação aos jovens e as crianças porque eles estão numa fase de transição, de formação de personalidade, procurando encontrar parâmetros e modelos para seguir. Para Bucci (2002) "a televisão não determina por si só o que as pessoas pensam, sentem e fazem. Ela apenas consolida padrões que estão mais ou menos aceitos, ou para os quais já existe alguma pré-disposição entre as comunidades". O parâmetro que a televisão oferece é o mercado de consumo, o individualismo, a competição e os estereótipos humanos de aparência e comportamento. Em geral, quem aparece na TV é alto, magro, loiro e tem olhos claros. Está bem vestido ou então seminu, enfatizando erotismo e sensualidade. Infelizmente não há possibilidade de controle por parte da sociedade, as empresas de televisão fazem o que querem e como querem. É de se perguntar, se a capacidade do ser humano de fazer escolhas responsáveis com autonomia não está sendo afetada por aquilo que a televisão mostra todos os dias em programas de qualidade duvidosa.

5. TELEVISÃO PREJUDICA? QUEM?

Durante séculos, a infância manteve-se num limbo à parte do qual as crianças só iam saindo gradualmente, de acordo com a vontade pedagógica dos adultos. As duas principais fontes de informação eram, por um lado, os livros que exigiam um longo aprendizado para serem decifrados e compreendidos e, por outro, as lições orais de pais e professores, sabiamente dosados.

Ainda na concepção de Bucci, os modelos de comportamento e de interpretação do mundo que se ofereciam à criança não podiam ser escolhidos voluntariamente nem rejeitados, porque careciam de alternativas. Só depois de chegarem a certa maturidade e de se curar da infância as crianças iam se inteirando de que havia mais coisas no céu e na terra do que as que até então lhes tinha sido permitido conhecer.

A televisão, então, acabou com esse desvendamento progressivo das realidades ferozes e intensas da vida humana. As verdades da carne (o sexo, a procriação, as doenças, a morte...) e as verdades da força (a violência, a guerra, o dinheiro, a ambição e a incompetência dos princípios desse mundo...) antes eram escondidas dos olhares infantis, cobertas com um véu de (recato) ou vergonha que só se levantava pouco a pouco. A identidade infantil (a mal denominada "inocência" das crianças) consistia em ignorar essas coisas ou em lidar apenas com fábulas a respeito delas, ao passo que os adultos caracterizavam-se justamente por possuir e administrar a chave de tantos segredos.

A televisão fornece meios de vida, exemplos e contra-exemplos, viola todos os recatos e promove entre as crianças a urgência de escolher que está inscrita na abundância de notícias freqüentemente contraditórias. A televisão não só opera dentro da família como também emprega os instrumentos de persuasão cálidos e acústicos na educação familiar. J.C. Tedesca (2000, p.87) “assinala que a televisão tende a reproduzir os mecanismos de socialização primária empregados pela família e pela igreja: socializa através de gestos, de climas afetivos, de tons de voz e promove crenças, emoções e adesões totais”.

Não há nada tão subversivo educacionalmente quanto à televisão. As crianças vêem na tela cenas de sexo e matanças bélicas, é claro, mas também assistem a agonias em hospitais, ficam sabendo que os políticos mentem e roubam. As crianças passam a entender e zombar daquilo que outras pessoas e seus próprios pais dizem que deve ser venerado. Além disso, para ver televisão não é preciso nenhum aprendizado especializado: acabou-se a trabalhosa barreira que a alfabetização impunha aos conteúdos dos livros. Com algumas sessões diárias de televisão, até mesmo assistindo aos programas menos agressivos, e aos comerciais, a criança fica por dentro de tudo aquilo que antigamente e até a pouco tempo atrás os adultos escondiam. Assim como a criança vivência os espetáculos fílmicos, a arte, a propaganda, as "tele educação", enfim, todos os tipos de programações como um espectador ativo, os adultos também, vão se educando ao mesmo tempo em que vivenciam a ludicidade e a infantilização, diante da "tevê", na medida em que se torna supérflua a preparação por meio de estudos antes imprescindíveis na conquista de informações.

Um contraponto interessante é apresentado nas pesquisas realizadas por (SAVATER, 2000), quando aponta que o excesso de TV provoca um estado de sonolência, de semi-hipnose, menor desenvolvimento cerebral, baixo êxito escolar, depressão, sexualidade precoce, agressividade, baixa auto-estima e obesidade.

A televisão é um meio de comunicação muito importante, por isso pais e educadores devem estar atentos ao que as crianças estão assistindo. Certos programas tornam as crianças alienadas, promovem a violência e o consumismo. A televisão inibe o diálogo quando a família se reúne, ao final de uma jornada de trabalho, pois é horário da novela ou do esporte preferido pelo pai. Todos se voltam para ela tornando-a o centro das atenções. Lentamente, sem que muitas pessoas percebam a televisão vai tomando conta do tempo livre que deveria ser o tempo da família ou para a comunicação entre os mesmos, originando daí problemas crônicos de relacionamentos familiares.

A TV é também considerada um meio de publicidade maléfica, pois sempre está aconselhando as crianças e até mesmo os adultos a comprarem produtos inúteis e nocivos. Faz promessas falsas, estimula um tipo de vida falsa, superficial, prejudicando o relacionamento entre os membros da família. Isto gera familiar, conflitos, pois nem sempre os pais podem comprar as novidades que o mercado consumista oferece, deixando-os frustrados por não poderem realizar os desejos de seus filhos.

No geral, o intuito da televisão é fazer com que as crianças desenvolvam um espírito consumista, a propaganda vai apresentando sempre lançamentos tanto de brinquedos como

vestuário e alimentos. Quando esse pequeno vê o anúncio, o assimila subliminarmente em seu inconsciente ou conscientemente. O marketing é desenvolvido por estudiosos de diversas áreas que pesquisam sobre os desejos humanos, a divulgação desses produtos que são criados pela indústria para serem comercializados. Os consumidores são seduzidos a comprar produtos que não são necessários. Assim pode-se dizer que a massa menos crítica da sociedade é influenciada a gastar desenfreada mente. Dessa maneira, essas crianças são despersonalizadas e, paulatinamente, se tornam um adulto precoce na sua maneira de vestir, calçar e principalmente, na sua maneira de pensar.

Por isso, se alguém afirmar que a televisão influencia comportamentos humanos, e que também interfere no aprendizado de valores humanos considerados essenciais, certamente, não estará errado. Ferrés (1996, p. 101), em seu livro "Televisão e Educação", descreve que:

> Grande parte dos efeitos benéficos ou nocivos, gerados por um meio (de comunicação de massa), depende, não do meio em si, mas do contexto de recepção das mensagens. A televisão é consumida principalmente no âmbito familiar. Daí a importância de que a família prepare um contexto que garanta uma experiência enriquecedora como telespectadores (p. 101).

Frente a essa problemática, nossa relação com a televisão é de amor e de ódio, de atração e de repulsa. Ao mesmo tempo em que todos são atraídos por ela, sabemos o quanto pode ser prejudicial, principalmente para as crianças. Mas o fato é que ela está diariamente presente em nossas vidas, e podemos pensar que a televisão pode ser uma grande aliada dos pais e dos professores. Aceitar sua influência na formação das crianças depende de como a família, a escola e a sociedade em seu todo poderá vir a utilizá-la, adequadamente.

6. A TELEVISÃO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇA?

Não se pode concordar com aqueles que responsabilizam os meios de comunicação por todo o mal que há no mundo. Nem se pode viver sem estar em contato com esses meios. Interessa é saber que os Meios de Comunicação têm valores, têm limites, estão a serviço de interesses particulares, econômicos, políticos e ideológicos.

Um dos caminhos de relacionar com os Meios de Comunicação é através da formação do senso crítico ou pela prática da Leitura Crítica da Comunicação. A leitura crítica consiste em analisar e julgar tanto a linha de veículo (canal de TV, emissora tal de rádio, jornal, dentre outros), como os programas apresentados a partir de valores humanos e cristãos que temos.

Na prática, o ouvinte, o telespectador, o leitor têm de estar atentos e se perguntarem: o que está sendo apresentado é válido? Bate com os valores e princípios? Constrói o ser humano? É para o bem de todos? Que interesses há na apresentação de tal programa? Essas são algumas das perguntas simples e básicas para que toda a pessoa possa criar o senso crítico.

O que não pode acontecer é a alienação do telespectador, que cegamente assiste a tudo sem fazer nenhum questionamento, assimilando todas essas imagens que os Meios de Comunicação ferem os nossos direito e os nossos valores. Não fazer a leitura crítica é ficar passivo, é ser massificado, é perder o direito de receber uma boa informação, para a formação de opinião, é perder o direito de pensar e de decidir, segundo os valores próprios, matando a subjetividade individual. A leitura crítica é a maneira inteligente de relacionar-se com os Meios de Comunicação de massa.

Não há como viver no mundo atual sem os Meios de Comunicação. Se isso vale para todas as pessoas, vale também para a criança, por coexistir em seu próprio mundo. No entanto, uma coisa é conviver com a televisão, por exemplo, e outra é fazer da televisão a principal ocupação da criança.

Há pesquisas que dizem que, apresentam em suas estatísticas que, em média, a criança tem um período de audiência da TV superior ao período dedicado às aulas. Outro dado curioso das pesquisas é que 13% das crianças pesquisadas nos Estados Unidos responderam que, tendo de escolher entre o pai e a televisão em casa, ficariam com a TV.

Para dizer qual o melhor relacionamento da criança com a televisão, é preciso considerar em primeiro lugar a programação que é apresentada. Se os programas são infantis e têm nível pedagógico, são indicados. Ruim é dar plena liberdade à criança, a ponto de ela assistir a tudo, sem distinção ou orientação.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à diminuição da permanência da criança em frente da TV. Pais, educadores e outros auxiliares capacitados deveriam quem criar atividades, jogos e ocupações que tragam maior participação e envolvimento infantil. É exatamente aqui, que está a chave para essa questão: não se trata simplesmente de deixar ou não a criança diante da TV, mas trata-se de a família ter condições afetivas, ter relacionamento de diálogo em que a criança não se sinta forçada a procurar a TV até como fuga. Se ninguém liga para a criança, ela liga o televisor diante do qual pelo menos esquece a vida. Por conseguinte, o problema da criança diante da televisão não pode ser considerado algo sem sentido, mais do nunca em nossos dias precisamos pensar no relacionamento familiar como um todo.

O fato de a televisão estar presente em quase todos os lares brasileiros ocupando um importante espaço no cotidiano de muitas pessoas originando uma necessidade urgente de se ter em mente o uso mais efetivo desse veículo comunicativo para a inserção de todas as crianças de nosso país num processo integral de educação, como foi escrito em lei- Escola para todos. É possível refletir sobre a abertura comunicativa que a TV está consentindo, enquanto se coloca diretamente a serviço da formação cultural, objetivando fins pedagógicos.

A televisão pode, além de servir ao entretenimento, servir também como auxiliar de informação e educação colaborando na formação e no desenvolvimento humano, mas para que isso ocorra, é necessário que todos os espectadores tenham discernimento do que esse poderoso meio de comunicação pode contribuir para a transformação de nossa sociedade.

As crianças precisam ser orientadas para assistir programas que respeitem a sua inteligência, programas desafiadores e conseqüentemente agradáveis, os quais contribuam para a sua aprendizagem.

Os bons programas devem servir para as crianças e adolescente de todas as faixas etárias, dos pré-escolares aos jovens. Quem sabe, num curto espaço de tempo os pais possam vir a confiar a Educação de seus amados filhos a alguma emissora de TV.

7. O USO DA TECNOLOGIA DENTRO DA SALA DE AULA

Quando se fala no uso de recursos tecnológicos (desde o retro-projetor até o microcomputador) nas escolas todos os professores se assustam. A maioria dos docentes não sabe utilizá-los, nunca aprendeu. Por outro lado, a dificuldade de manutenção e o alto valor destas máquinas fazem com que sejam esquecidos ou vistos com verdadeiros monstros sagrados. Quando esses equipamentos começam a virar obsoletos, numa grande parcela das escolas começam a chegar os materiais de reposição. Isto ainda vem demonstrando a indiferença dos líderes governamentais em relação ao mundo, escolar.

Outra face da realidade, é que estes subsídios para um exímio trabalho professoral estão guardados em locais seguros cobertas e de difícil acesso para serem removidas para as salas de aulas. O tempo que se levaria para montar o aparelho e criar o ambiente favorável ao início de uma boa aula "evapora", restando apenas, o final da aula.

Cria-se dentro de um programa de ensino um regime cíclico de prática didático. É comum inclusive nos cursos de formação de professores, a continuação desse regime disciplinar de estudos através de textos bastante densos. Mesmo com todos esses aparatos didático-metodológico os professores se sentem indecisos para inovar. "Inseguros para manipular os recursos quando as escolas os têm; inseguros para saber se terão tempo disponível para "dar a matéria", se gastarem o tempo" com o vídeo, o filme, inseguros, para saber se aquele recurso é indicado para aquela série, aquele tipo de aluno, aquele tipo de assunto. Na dúvida, preferem o que é seguro, seguem o texto, à explanação oral.

Todas as teorias pedagógicas ensinam sobre a importância de se realizar o ensino a partir da experiência do aluno. O ponto de partida de qualquer aprendizagem é o conhecimento anteriormente adquirido pelo estudante. Na atualidade, o plano mais freqüentemente percebido pelos alunos não é tanto o sentido concreto dos objetos e das coisas, mas o sentido virtual, da imagem, o som, o movimento expresso nos filmes e nas telas televisivas.

A televisão é a janela para o mundo onde tudo é visto, tudo é sentido, tudo pode ser aprendido. A incidência de imagens televisivas abordando aspectos de diversas áreas do conhecimento, aliada a freqüência com que é vista pela grande maioria dos telespectadores, torna a virtualidade de suas imagens e sons como a principal fonte de realidade para a maioria das pessoas. “Eu conheço, eu sei como é, eu já vi na televisão”. Estas expressões mostram o quanto à imagem, o som, o movimento apresentado pela câmera televisiva reflete na aquisição de um conhecimento que apresentam virtualmente, torna-se real como experiência vivida por quem assiste.

A partir dessas imagens televisivas, dessas vivências concretamente presentes na interioridade dos sujeitos que habitam a escola é que se pode começar a pensar em procedimentos didáticos que aproveitem essa riqueza de conhecimentos, imagens, sons e emoções para tornar mais vivo e dinâmico o cotidiano das nossas salas de aula.

Independente da presença concreta do audiovisual dentro da sala de aula, ele se faz presente virtualmente, através das vivências dos alunos e professores em suas interações com estes meios tecnológicos, a televisão, sobretudo, podendo ser usada de forma interdisciplinar. Em um mesmo momento televisivo pode se estar trabalhando com o simbólico (a taça de campeão), o lúdico (o jogo, qualquer jogo), o artístico (a performance, o exceder a técnica para fazer o gol, para vencer), o musical (o som que não está presente na realidade dos jogadores em campo, mas apenas na realidade dos telespectadores). A aprendizagem global não distingue ficção e realidade, ela se abre plena, não a partir da objetividade do fato, mas da afetividade, da emocionalidade/ racional, ela se torna significativa.

8. A TELEVISÃO E A LEITURA BUSCANDO UMA FORMA DE EXPRESSÃO

A própria característica da televisão, audiovisual, é um tipo de linguagem diferente da do livro. Mas não diria: ela é melhor; ela é pior. Quer dizer, no momento em que falo "ela é melhor", "ela é pior", é porque ela é denotativa, ela já mostra diretamente. A pessoa, num relance, não precisa imaginar, porque a imagem já está ali pronta. Nestes termos são linguagens diferentes, mas não que vá prejudicar a outra. Acho que com esta idéia de que por causa da televisão os jovens não lêem não se está falando mal da televisão. Geralmente está se querendo falar mal dos jovens. Essa é a diferença básica.

É claro que se uma pessoa vê a novela todos os dias e vive tudo isto, poderíamos dizer que há um problema que não é da televisão; é um problema desses indivíduos que passam dez horas vendo telenovelas. A telenovela e outros programas de televisão são muito comerciais. A regulação dela é pelo mercado e procura o lucro. Ela é ótima do ponto de vista empresarial, em termos da produção. Quando digo que os programas apenas são manipuladores, também aí estou falando mal das pessoas, considerando-as passivas, que não sabem pensar.

E quem é que sabe pensar? A pessoa, no seu cotidiano é um intelectual. Toda a pessoa é intelectual, e ela pode desenvolver o sentido crítico em relação àquilo que está vendo e também em relação ao livro. Porque não é por estar numa página escrita, e ter um formato que nós normalmente chamamos de livros, que são bons. Existem livros bons e ruins. Existem programas de televisão que são bons e outros que são ruins.

Essas mensagens de fato têm uma ideologia, têm certos conteúdos. A pessoa que está diante da televisão pode decodificar estas mensagens: ela pode aceitar tudo, pode resistir, no sentido de não aceitação pura e simplesmente, e pode haver uma negociação de sentidos. Negociação de sentidos acontece, por exemplo, quando alguém assiste a uma telenovela e a todo o momento recebe aquilo e joga para a sua vida diária, faz uma crítica. E, às vezes, este pacto que se estabelece ou que ela aceita é um pacto que vai muito pela ironia: "ah, isto aí

nunca acontece, mas eu continuo vendo por que...” Com os jovens acontece a mesma coisa. Quer dizer, há um receptor ativo que a todo o momento está negociando os sentidos. Está negociação, da parte dele, que vai assinar este contrato, é da história dele, da experiência dele, dos livros que leu dos outros programas aos quais ele assistiu das mídias que esteve exposto, da escola e da família.

Se considerarmos que as pessoas são passivas, estaremos tentando desclassificá-las, e não ao programa. O programa tem uma série de problemas: é dirigido, comercial, rebarbativo... Mas se aplicarmos isso ao livro? Acontece a mesma coisa: o leitor é ativo. E igualmente há livros bons e livros que não são tão bons. No caso do livro, ele é mesmo regulado pelo mercado do que a televisão. No livro ainda existe certa idéia romântica, de que há pessoas que querem dialogar e que querem dizer algo. Porque quando alguém escreve, ele também tem um leitor implícito para aquilo, isto é, um leitor ideal para quem ele está escrevendo. É através desse leitor ideal que ele tenta também estabelecer esse pacto de leitura.

9. INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Vivemos um momento especial da história da humanidade, grandes transformações estão ocorrendo em todo o planeta, com grande velocidade e difícil dimensionamento.

É importante aprofundá-lo articulando-o com o desenvolvimento crescente das tecnologias de comunicação e informação para, com isso compreendermos sua relação com a educação.

Este novo paradigma tecnológico, com a informação veloz e quase generalizada na sociedade está presente em todo o mundo e, mesmo em países como o Brasil, onde as desigualdades sociais e regionais são muito grandes, ele é determinante principalmente em termos de mercado de trabalho nos grande centro urbanos.

Países como o Brasil, vivem contradições profundas em sistemas sociais ao mesmo tempo em que estão inseridos plenamente nos mercados planetários, em determinadas e específicas áreas. Sem dúvida, o exemplo mais significativo em todo o mundo esta relacionada aos sistemas de comunicação e informação. Em relação a isso, o Brasil está plenamente inserido neste grupo de comunicação Brasileiro.

Obviamente quando pensamos no sistema educacional, a situação é absolutamente diversa. Esta distância entre o mundo da informática e da comunicação com o mundo da educação é muito grande, induzindo-nos a pensar na quase existência de um impasse. Tem sentido continuarmos investindo neste sistema que não consegue dar conta destas informações? Está claro que necessitamos de muito mais do simplesmente aperfeiçoar o sistema educacional. O momento exige a sua profunda articulação com os sistemas de informações e comunicação.

Isto porque, neste contexto de mudanças, somos verdadeiramente empurrados para pensar e refletir mais profundamente como se sustentar este sistema, ainda centrado em velhos paradigmas, muitas vezes enfatizando apenas a formação de uma mão de obra, sem

mesmo perceber que esta mudando o conceito de mão de obra, num movimento de velocidade muito intensa.

Como afirmava Francisco de Oliveira (1990, p.12), na abertura da reunião anual da ANPED em 1990:

> Num mundo que corre com esta velocidade, com transformações, que não esperam amanhecer o dia para serem anunciadas, uma inserção rápida da economia brasileira no sistema internacional, com estes critérios seguramente vai nos conduzir não mais para uma exploração de mão de obra barata, porque não se está mais atrás disso: tecnologia de ponta não se faz com mão de obra barata (OLIVEIRA, 1990, p. 12)

Este é sem dúvida, o nosso grande desafio diante dessas novas tecnologias de comunicação e informação. Essas tecnologias poderão a vir a se constituir em importante elemento de transformações coletivas se pudermos vê-las em outra perspectiva que não a de simples instrumento metodológico da modernização. Essas idéias geram crenças de que poderão ser implantadas de forma isolada e desarticulada, mantendo as crianças, jovens, adolescentes e professores como meros consumidores de um conhecimento pronto que passe agora a circular e ser distribuído pela via das ditas novas tecnologias. Em oposição a isso, se pensamos nas tecnologias a serviço da produção de conhecimento e de cultura podemos pensar na inserção do país no mercado mundial dentro de uma dita perspectiva globalizada, que permita uma efetiva cidadania.

10. POR UMA PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO

Como a TV é feita para atingir diferentes camadas da população, diferentes aspectos da realidade social são por ela retratados. Se a escola quiser seguir outra lição que o método Paulo Freire ensina-a importância da representação icônica da realidade existencial - não precisa sequer cuidar da elaboração de material visual. Ela já existe independente dela, e a ele praticamente toda a população se expõe de forma regular e prazerosa.

Basta apenas que a escola:

- aceite partir da realidade do educando, em que a cultura livresca quase não se configura e que é, sobretudo, caracterizada pela tradição oral e agora televisiva;

- distinga ponto de partida (a realidade do aluno e sua forma de apreensão dessa realidade);

-recorra, com caminho, como método, à utilização da consciência crítica do educando (que implica a libertação do homem de suas limitações e indigência pela delas)

Esses seriam os princípios básicos da Pedagogia da Comunicação, que absorve ou engloba a Pedagogia Transformadora de Derneval Saviani. Essa pedagogia instiga a superação dos modelos tradicionais de transmissão do saber que diz respeito aos seguintes aspectos:

-educador e educando ultrapassam no ponto de chegada do processo pedagógico os seus pontos de partida, através da relação dialógica (e por isso mesmo dialética) entre si, e entre o processo pedagógico e a prática social global;

-apaga os últimos resquícios de uma educação bancária (ainda possível na Pedagogia Transformadora de Saviani, que admite a igualdade no ponto de chegada entre os agentes pedagógicos. Podendo dar a entender com isso que o processo de ensino e aprendizagem funciona com uma espécie de inoculação de conhecimento que o mestre faz em seu discípulo), uma vez que entende o processo de ensino e aprendizagem com desigualdades entre seus sujeitos tanto no início quanto no final do processo.

Aprendizagem é sempre a descoberta do novo. Enquanto tal, produto de uma busca, de uma procura, de uma pesquisa. Newton não foi o primeiro a observar a queda de uma maçã. No entanto, como buscava como procurava descobrir a lei que rege a queda dos corpos, alcançou a resposta a partir dessa observação e como produto de longa busca. Não se trata de um "achado" acidental e gratuito de um iluminado.

Pode-se conceber a aprendizagem acontecendo independentemente de um processo de ensino? Entende-se "ensino como um processo de comunicação", a aprendizagem, ainda aquela decorrente de uma pesquisa ou busca efetuada por alguém que trace sozinho seu caminho, é sempre produto de um processo de comunicação, ainda que possa ser indireto, via meios de comunicação de massa (livros, TV, rádio, jornal, revistas). Passa necessariamente pelo conhecimento já produzido e acumulado sobre o assunto.

Reversamente pode-se conceder o ensino independente da aprendizagem? Entendo-o como "processo de comunicação", seguramente a resposta é não. Se não se conseguir estabelecer a comunicação, o intercâmbio, então o ensino não se fez: esboroou-se em sua intenção.

Ao se tratar, portanto, do processo de ensino-apredizagem, trata-se de um processo de comunicação e pesquisa. Recupera-se assim para a escola o seu caráter de local não meramente "transmissor" de conhecimento, mas também seu produtor, seja pela reelaborarão, seja pela descoberta e/ou criação, em oposição à escola "elitista", da transmissão da norma culta. Reforça-se assim a análise do prof. Antônio Cândido, segundo a qual, não julgamos demais repetir. Longe de ser um reflexo da vida da comunidade, as escolas tem uma atividade criadora própria, que faz de cada uma delas um grupo diferente das demais.

11. TV E ESCOLA: A CONCORRÊNCIA E O DESAFIO

É da perspectiva de uma Pedagogia da Comunicação que podemos abordar tanto a concorrência quanto o desafio em que se constitui hoje a TV para a escola. Se o processo de ensino e aprendizagem é de comunicação e pesquisa, não é possível ignorar nele os dados que compõe a realidade dos agentes envolvidos. E o texto televisivo é, sem dúvida, algo amplamente disseminado na vida de todos nós.

De diferentes ângulos pode-se encarar a concorrência. Entendendo-a como competição ou disputa. Devemos admitir que a televisão como veículo midiático e por estar presente em quase todas as famílias leva vantagens em alguns pontos no que diz respeito à escola. Sendo a TV um instrumento ou canal de conhecimento, os telespectadores convivem diariamente com esse aparelho- querendo ou não:

- a ela se expõem voluntariamente;
- impõem-se, de modo geral, numa situação configurada como sendo de lazer;
- demonstram interesse, prazer e gosto em seu consumo;
- revelam aprendizagem de conteúdos e atitudes por ela veiculados.

Já com relação à escola, também canal ou instrumento de conhecimento, temos que:

- os estudantes a ela dirigem-se premiados pelas circunstâncias sociais e/ou econômicas que lhes aponta a escolarização como fator de maior sucesso na vida e no trabalho;
- a freqüência à escola é algo que exige esforço, trabalho, dentro dela e para além dela;
-de modo geral, as atividades desenvolvidas em classe não despertam interesse, prazer e gosto, sendo cumpridas como obrigação;
- o índice de aproveitamento é baixo, o que fica evidenciado pelas altas taxas de evasão, repetência e mesmo do número de aprovações que se dão no limite mínimo de rendimento.

Admitindo a concorrência como colaboração, algo que corre com, ou junto, ou no mesmo sentido, torna-se importante observá-la naquilo que constitui especificamente (ou poderia se constituir) a sua contribuição ao trabalho escolar.

Nesse sentido há que se destacar:

- é fonte de informação: se houve época em que a escola cumpria essa função, pode-se afirmar que hoje a TV a desenvolve de maneira mais ampla e muito melhor;

- é fonte de sensibilização, de mobilização: por isso atrai e envolve rapidamente seus espectadores através dos recursos da imagem e do espetáculo, que utiliza para os assuntos e acontecimentos que transmite;

- utiliza como recurso para sua mensagem, a imagem, capaz de revelar o novo.

Elevar a televisão ao nível de desafio à escola implica a exigência de exame:

- das vantagens que apresenta enquanto competidora da escola, para que se busque ultrapassar as desvantagens decorrentes para esta instituição;

- do auxílio que presta, enquanto colaboradora, a fim de que se aquilate o aproveitamento que se está fazendo (ou que não se está) dessas contribuições. Mais do que isso coloca a necessidade de se observar o que ela está deixando de fazer, para redefinir funções da escola ou mesmo definir novas diretrizes, que se imponham a partir de tal realidade, de onde provém o seu corpo discente e para onde deve retornar mais qualificado para exercer o papel de cidadão, produto e produtor da história.

Enquanto competidora em condições vantajosas, é acusada de:

- roubar das crianças e adolescentes muitas horas de estudos, bem como de outros afazeres saudáveis, como brincadeiras, jogos e esportes;

- expor os jovens telespectadores a uma linguagem oral padronizada, cheia de chavões, empobrecida, atualmente é um verdadeiro drama;

- apresentar, através do recurso da imagem, reduzida em sua potencialidade reveladora (pela linguagem oral, tal como é utilizada), uma dada versão do fato, que "passa" como se fora o "próprio fato".

Já com relação aos desafios que a TV funde com o mundo escolar, desdobra-se em várias faceta:

- explorar as vantagens que a TV trás hoje ao educando é fundamental;

-aproveitar a colaboração que os serviços prestados pela TV trazem à nossa população é algo inesgotável;

-lidar com aquilo que a TV deixa de fazer, com aquilo que a TV não diz, propicia o alcance de novos resultados por ela desejado;

Entender a TV como um desafio à escola é tentar lidar com este fenômeno, enquanto educadores, de maneira abrangente, de forma que sejam capturadas as vantagens e a colaboração que poderá prestar a aquilo que não diz num trabalho, mas que visa favorecer o desenvolvimento da consciência crítica dos educando.

Nessa perspectiva a Gestão Educacional assume um novo papel que ultrapassa a administração, supervisão e orientação do processo educacional.

A gestão educacional agrega uma complexidade de ações a serem desenvolvida pelo Gestor que vão desde o conhecimento da função social da escola até as formas mais adequadas de condução do trabalho na escola como: a gestão democrática, o gerenciamento de recursos humanos, o processamento do ensino aprendizagem, recursos físicos, recursos financeiros, do patrimônio da escola, avaliação institucional, ambiente escolar, consolidando uma prática de gestão que fortaleça os vínculos entre a escola, a família e a comunidade.

Esse trabalho deve mobilizar de forma permanente professores, funcionários e demais integrantes da comunidade escolar para que todos se responsabilizem pela gestão do conhecimento e da aprendizagem.

12. A ABSORÇÃO DO DESAFIO

É perceptível, frente à tecnologia no cotidiano dos indivíduos que, na atual sociedade, não há lugar para tecnofobia. Nesse cenário, espera-se da educação o senso crítico indispensável para investigar novas metodologias e ações docentes diferenciadas que venham ao encontro da realidade e das dificuldades que os alunos têm diante da influência da tecnologia.

A repetição e a memorização do conhecimento com base na comunicação unidirecional em aulas expositivas presenciais não tem sido suficientes para atender os desafios e as expectativas de várias áreas do conhecimento. Os alunos são freqüentemente, usuários dos meios eletrônicos de comunicação e receptores de ampla gama de informações resultante desta utilização fora das salas de aula.

É prejudicial á aprendizagem isolar a sala de aula do meio sócio-cultural de convívio dos alunos, pois a educação humana existe em todos os lugares. É o caso das crianças que, ao chegar à escola comentam sobre o que viram na televisão na tarde anterior e até brincam com o que viram, representa um contato televisivo num cenário diferente. Supõe, também, a possibilidade de intervir pedagogicamente na Audiência televisiva a partir deste cenário, reorientando a produção de sentidos e redirecionando as apropriações iniciais do que foi tele vivenciado antes ao iniciar uma situação de aprendizagem possível para atingir os esforços de uma educação possível para atingir os esforços de uma educação das audiências. Mas do lado de cá da tela, os sujeitos reproduzem, renegociam e recriam ao mesmo tempo em que revivem os referentes televisivos.

No mundo contemporâneo, era “tecnoeletrônica”, a sociedade sofre influência da tecnologia, tanto no que diz respeito aos aspectos sociais, como aos psicológicos e econômicos. Entretanto, a sociedade informática, por assim chamada, tem potencial de liberal o homem de uma especialização unilateral. Se por um lado seria ingênuo afirmar que a revolução tecnológica presenciada atualmente não abalaria os paradigmas e as estruturas

educacionais, por outro, não se pode crer na obsolescência dos processos educativos em favor da tecnocracia. Ouso da tecnologia na educação fica enriquecido não apenas ao se considerar os lados extremos diante do tema, mas identificando propostas capazes de equilibrá-los.

Sendo evidente a presença freqüente da televisão e do vídeo nas relações sociais pode-se afirmar que há repercussões da influência destes meios de comunicação na organização do trabalho pedagógico e no desenvolvimento dos alunos.

A absorção deste desafio passa necessariamente pela definição prévia de uma pedagogia. Propõe-se aqui a Pedagogia da Comunicação, que engloba a Pedagogia Transformadora de Saviani, enriquecida pelo método dialógico e pelo uso da figura ou ícone, característicos da Pedagogia de Paulo Freire.

Quanto às razões do uso da imagem, além das de caráter didático já esmiuçado tanto na análise da TV quanto nas considerações sobre o método utilizado por Paulo Freire, cumpre ressaltar a freqüência com nos defrontamos com essa linguagem nos dias atuais. Outdoors, cartazes de propaganda fixados nos meios de transporte coletivos, anúncios luminosos cada vez mais sofisticados, a televisão, são meios de comunicação que povoam de imagens o mundo do cotidiano das pessoas.

De acordo com o pensamento de T. W. Adorno e M. Horkheimer (1985; 1995) a singela suposição de que se trata de uma linguagem que não exige aprendizado para decodificação propicia a compreensão de seu uso como algo harmonioso e inocente. Com isso, nem se lhe explora a potencialidade, que é grande (pois se trata de um signo revelador, capaz de propor o novo), nem se extirpam as deturpações decorrentes do uso que os meios de comunicação de massa têm feito dela, já que apesar de revelador, não implica o conhecimento da realidade tal como ela é. Esses dois filósofos contribuem para o avanço da compreensão crítica na sociedade pós-industrial, assim como mecanização que o ser humano vem vivendo em nosso meio.

Não podemos mais ficar alheios como docentes a linguagem praticamente onipotente no universo cultural e da imposição desse veículo televisivo. Torna-se impossível ignorar esse instrumento na escola. Especialmente, numa escola que busque a atender concretização de um projeto democrático que coloca a escola num novo tempo.

Também não é mais possível se admitir que no século XXI, a aprendizagem ainda fique restrita a idéia de escrever como no tempo da “Pedra Lascada” ou que a aula não passe do puro manejo desses instrumentos mecanizados. Em vez de serem os facilitadores, na reprodução de imagens e de conhecimentos, ideologicamente falando, parece querer substituir o papel dos educadores.

Lidar com ela de maneira educativa significa considerar que especialmente o texto televisivo é o texto a que a população tem acesso. Acesso amplo, irrestrito e prazeroso, impossível de ser ignorado.

Admitir esse veículo de informação, não implica de forma alguma menosprezar o trabalho com o texto escrito ou com outros quaisquer conhecimento sistematizados com que o docente vivencia na escola. Na verdade tudo isso significa ativar o trabalho escolar hoje desenvolvido.

Tornou-se conhecimento comum, nas sociedades tecnológicas, o grande desinteresse por parte dos alunos, em acompanhar os velhos métodos e metodologias fomentadas pelos professores nas atividades escolares. Como uma faca de face dupla: existem professores que identificam essa problemática como sendo, total desinteresse dos alunos; estes, por sua vez, afirmam que o problema está no ensinamento desses professores. Ambos têm suas razões. Dentre elas, seguramente, a desvinculação entre a prática pedagógica e a prática social, advém de desentendimentos como este.

Cabe verificar como a escola poderá vir a estabelecer novas regras de ensino aprendizagem entre esse vínculo perdido? No nível teórico, a resposta já está dada. E no nível prático como iremos resolver esse dilema?

A absorção do desafio posto pela TV à escola, tal como é aqui focalizado, é uma das possibilidades. Enquanto tal realiza-se, ou pode realizar-se, em dois níveis diferentes:

- como e enquanto uma questão das escolas;
- como e enquanto uma questão de formação de professores.

No primeiro nível, ao admitir-se a escola como criadora de cultura, seja pelo seu trabalho, seja pela vivência social do grupo que constitui; ao se dar conta de que os seus agentes sociais são todos telespectadores; ao adotar-se a Pedagogia da Comunicação como procedimento; ao problematizar a TV e o trabalho que daí emerge. Não como uma disciplina específica, mas como uma conduta pedagógica “problematizadora” de nossas práticas sociais, abordadas a partir dos diferentes campos do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idéia de trabalhar com som está ligada a história da civilização e a velocidade com que essas informações tecnológicas acontecem e o conhecimento é produzido e envelhece nos fazendo refletir sobre como direcionar a prática docente afim de obter sucesso com nossas crianças nos programas oferecidos pela televisão.

Desde muito pequenos os pais colocam seus filhos na frente da TV, inconsciente acreditam que será apenas um momento de entretenimento, mas o fato é que as crianças registram o que vêem, sentem e as absorvem nas suas mente, pois é característico delas as sensibilidades e nessa faixa etária não conseguem distinguir o que é correto e o errado. Às vezes tais situações presenciadas pelas crianças mais tarde podem, vir a ser prejudicadas se transformado em adolescentes perturbados, desvirtuados, consumistas, inconseqüentes, tornando-se adultos insatisfeitos e de mal com a vida.

A criança precisa se sentir amada, conviver num ambiente tranqüilo, equilibrado e principalmente ser orientada desde pequena que a TV mostra coisas boas e coisas ruins, informa, mas também "deforma". Todavia a necessidade da estrutura familiar em dialogar com as crianças das falsas ideologias (consumismo) violência, cenas impróprias, corrupção, marginalidade que infelizmente acontecem no mundo real. A criança, como sujeito vai se construir na interação e formar sua personalidade de acordo com o meio que vivencia, está imersa.

Em idade escolar a criança continua em contato com a TV, pois a escola propicia filmes, programas educativos, utilizando-se desta como um instrumento a mais na sua prática docente. É importante também que a escola ofereça aos alunos acesso a informática para que tenham chances para participar dos benefícios que esse meio de comunicação pode os beneficiar, assim terão as mesmas possibilidades no concorrido mercado de trabalho.

A televisão pode substituir por algum tempo a mãe, pode ser idolatrada, e também utilizada nas escolas, porém selecionados os programas a serem assistidos, os quais voltados a

serviço da formação cultural, informação que interajam colaborando na formação e no desenvolvimento humano. Desta maneira cabe a nós ter capacidade intelectual, ousadia e criatividade de espalhar pelos campos, flores, ainda que sejamos feridos com alguns espinhos. Precisamos acompanhar as mudanças do mundo globalizado, pois as informações multiplicam-se rapidamente e a idéia não é passar as nossas crianças somente informações e sim torná-las criativas, intuitivas que saibam pensar e caminhar livres. Estimulando-as a reciclar seriamente o que a TV lhes proporciona de construtivo só assim se tornarão mais ricas, belas e experientes, constatando que a TV se tornou a maior fonte de entretenimento e lazer do homem moderno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em Tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1997.

CÂNDIDO, A. **Dentro do Texto da Vida, dentro da vida**. São Paulo, 1992.

CARMONA, B. **A Criança e a Mídia**. São Paulo: Cortez, 1998, p. 104.

FERRÉS, Jean. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários a Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne Marie, 1997.

KRAMER, S.; LEITE, M. I. **Infância fios e Desafios da pesquisa**. Rio de Janeiro, 2001.

MATTOS, S. **História da Televisão Brasileira – Uma visão econômica, social e política**. Petrópolis, Vozes, 2002.

OLIVEIRA, F. d. (1990) **Armadilha neoliberal e as perspectivas da educação**. 13ª reunião anual ANPED Belo Horizonte/MG

PACHECO, E. D. (org) **Televisão, criança e educação.** Campinas: Papirus, p. 29-38, 1998.

PENTEADO, H.D. **Televisão e Escola-Conflito ou cooperação**. São Paulo: Cortez, 1991. P.175.

PIAGET, J. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

PILLAR, A. D. **Televisão e Criança: Leitura de Imagens**. São Paulo: Cortez, 2001.

SAVATER, F. **O valor do Educador**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

TEDESCA J. C. **Sociologia da Educação**. 2000, p. 87.

TEIXEIRA, L. M. **A criança e a Televisão, Amigos ou Inimigos? S**ão Paulo: Loyola, 1985.

VILLELA, A. L. **Televisão e Criança**. Porto Alegre. 2007.

ZILBERMAN, R. **A produção para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.